

AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NOS ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE

Silvio Nunes da Silva Júnior
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Esse texto tem o propósito de discutir sobre as contribuições da pesquisa qualitativa/interpretativista para os estudos sobre identidade na formação docente, isto por meio de análises de narrativas autobiográficas. As considerações teóricas apresentadas discutem sobre a natureza científica do estudo

da identidade, as relações possíveis desse estudo com a formação docente, além de destacar a importância da narrativa enquanto instrumento para análise fiável e concreta de dados numa abordagem qualitativa de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Contribuições; Formação Docente; Análise.

THE AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES IN THE STUDIES ON IDENTITY IN TEACHING TRAINING

ABSTRACT: This text has the purpose of discussing the contributions of the qualitative / interpretative research to the studies on identity in the teacher formation, this through the analysis of autobiographical narratives. The theoretical considerations presented

discuss the scientific nature of the study of identity, the possible relations of this study with teacher education, and highlight the importance of narrative as an instrument for reliable and concrete analysis of data in a qualitative research approach.

KEYWORDS: Contributions; Teacher Training; Analyze.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pós-modernidade vem implicando em grande escala nos diversos setores sociais, inclusive na escola, em que se inclui o ensino e, também, a formação de professores. Tanto no tocante às questões físico-estruturais, como em relação às formações dos sujeitos que se constituem subjetivamente no contexto educacional, é possível observar variadas mudanças. Dentre elas, podendo-se afirmar que a mais percebida está imbricada no empoderamento de professores e alunos em buscar variados subsídios em busca da aprendizagem. Isso não quer dizer que os desafios trazidos pela pós-modernidade estão todos implementados nas práticas sociais dos sujeitos, mas que, mesmo com as tantas dificuldades enfrentadas devido às precariedades das políticas educacionais, vem se tendo avanços significativos.

A pesquisa científica em educação, ensino e outros campos de conhecimento que agregam os seus posicionamentos aos estudos sobre os sujeitos sociais, assim como a Linguística Aplicada (LA), passou por algumas revisões de bases epistemológicas, através da alarmante necessidade de considerar questões que aproximam o sujeito com o todo social, em que se inclui a questão subjetiva. Stuart Hall (2003), nos estudos culturais, foi um dos autores pioneiros no apontamento da possibilidade de identificar aspectos identitários dos – por ele chamados – sujeitos pós-modernos, pois, segundo este autor, é na identidade que se tornam visíveis as transformações que a sociedade passa e como elas descentralizam os posicionamentos, as crenças e os valores dos que constituem o todo social.

Nessa perspectiva de pesquisa acadêmica, entende-se que o paradigma qualitativo que, conforme Bortoni-Ricardo (2008), se contrapõe ao viés positivista enraizado nas ciências exatas e estatísticas, começa a alçar voos mais concretos no âmbito científico por englobar um conjunto significativo de linhas de conhecimento. Este fato trouxe novos olhares, também, para os tipos,



vertentes de pesquisa, instrumentos e métodos para a coleta ou geração de dadosⁱ. Nesse sentido, a pesquisa sobre identidade começa a encontrar sustentação em textos narrativos autobiográficos, isto porque o caráter interpretativista da pesquisa qualitativa defende a não-neutralidade do pesquisador, isto é, atribui ao pesquisador a permissão de interpretar os dados seguindo as suas próprias constituições identitárias. Vale ressaltar que, mesmo com a não-neutralidade, é extremamente pertinente que se considerem as questões éticas, as quais precisam ser cuidadosamente cuidadas pelo sujeito que toma a frente da pesquisa.

Com base no que foi discutido nessas considerações preliminares, o presente estudo vem refletir sobre a pesquisa qualitativa como subsídio teórico e metodológico para investigar questões identitárias, atribuindo ênfase ao processo de formação docente, defendendo a importância da utilização de narrativas autobiográficas como instrumentos para a investigação dessas questões. Primeiramente, discute-se sobre os estudos da identidade e, em seguida, tece-se considerações sobre a pesquisa com narrativas autobiográficas, finalizando com as considerações finais e sugestões de pesquisa no campo da educação.

ESTUDOS DE IDENTIDADE

Na pós-modernidade, ou modernidade tardia, os estudos culturais, representados, principalmente, por Hall (2003) trazem algumas discussões pertinentes em relação à pesquisa cultural de/sobre identidade. Acredita-se, nesse contexto, que a construção das identidades culturais parte de processos de descentralização de sujeitos. Essa descentralização (ou fragmentação) remete a uma visão de identidade enquanto construção heterogênea e não homogênea. Nesses estudos, a identidade do sujeito pode ser fragmentada por simples



contatos com outros sujeitos e ações cotidianas em geral, ou seja, é transitória e perpassa os limites de concepções estruturais.

Os estudos de Hall (2003) tiveram muito destaque em pesquisas nos anos de 1990. Nesse período, a sociedade vinha passando por constantes transformações na transgressão de pressupostos modernos para pós-modernos.

O autor se deteve em investigar, no campo cultural, quais as transformações que estavam existindo na formação dos sujeitos, com base nas representações sociais que circulavam na época. Nesse sentido, mesmo que se esteja no novo século, essas discussões ainda se põem como salutares para o debate, pois as transformações, fragmentações e descentralizações não acabaram no tempo.

Nas entrelinhas da obra de Hall (2003) pode-se observar um caminho a ser percorrido até o conceito de crise de identidade que, no ensino, mais especificamente no ensino de língua portuguesa, veio ser apresentada a partir dos estudos de Guedes (2006). A chamada crise é causada através do deslocamento das estruturas de camadas sociais. Devido a esse deslocamento, a identidade é fragmentada de acordo com as mudanças nos processos centrais do meio social em que o sujeito se insere. Em outras palavras, são abalados os principais pontos em que o sujeito já estava formado e, a partir desse processo, o sujeito perderá significativamente a estabilidade social em sua própria identidade.

[...] talvez, ao invés de pensarmos em identidade como um fato já concluído, representado pelas novas práticas culturais, devamos pensar a identidade como uma “produção”, a qual nunca se completa, mas está sempre em processo, e sempre constituída dentro, e não fora, da representação (HALL, 1990, p. 222, tradução nossaⁱⁱ).

Na mesma perspectiva, o autor crer que para evitar as diversas crises de identidades, nas quais os sujeitos estão a mercê de se incluírem, deve-se, primeiramente, entender que as identidades estão num processo contínuo de



mudança, isto é, toda e qualquer identidade está enquadrada numa heterogeneidade naturalizada em situações sociais. Todos os dias os sujeitos passam por experiências diversificadas que, às vezes, acabam mudando as maneiras de pensar e criticar os aspectos socioculturais que nortearam as suas práticas sociais. É válido considerar, também, que a identidade do sujeito, pode ser fragmentada dentro e fora do seu meio situado, pois a fragmentação da identidade pode partir de simples experiências de vida, como a comunicação por meio de instrumentos eletrônicos e a interação com pessoas inseridas em outro ambiente social.

As maneiras em que os sujeitos produzem suas identidades partem, necessariamente, das vivências e dos contatos com os diferentes meios de informação e comunicação. Para ilustrar, tem-se uma pessoa com uma concepção de linguagem extremamente formalista/gerativista, considerando que cada indivíduo nasce com uma faculdade de linguagem interna que será desenvolvida com o passar dos anos. Nessa realidade, a mesma assiste uma palestra e/ou faz a leitura de uma obra onde se defende as inovações funcionalistas da sociolinguística, e, devido a isto, começa a concordar com a segunda concepção; temos, assim, uma transformação na identidade linguística do sujeito a partir de uma prática situada de escuta e reflexão.

Ciampa (1987) compreende a identidade como uma metamorfose, isto é, um aspecto em constante transformação que se dá através de resultados obtidos em momentos de intersecção entre história e pessoa. Concordando com o autor, acredita-se que a identidade, por se enquadrar num caráter heterogêneo dos estudos sociológicos, culturais, psicológicos e da linguística aplicada, é o que norteia, basicamente, toda e qualquer ação e pensamento do sujeito. O termo identidade, então, remete a “movimento”, caracterizado pela observação de como a cultura e a história contribuem para a formação humanística do sujeito numa perspectiva ideológica e não totalmente autônoma.



Complementando a reflexão, Dubar (1997) assinala que a identidade é construída através de socializações entre os sujeitos. A socialização destacada pelo autor está igualmente voltada à questão interacional, ou seja, às experiências adquiridas nos contextos de vivência social deles. Ainda nessa perspectiva, o processo de socialização pode ser caracterizado, também, como “processo relacional”. Desse modo, a socialização só pode ser estabelecida através das relações cotidianas nas modalidades de linguagem contemporâneas, principalmente em âmbitos escolares e universitários, nos quais os sujeitos encontram-se num meio de diversos cruzamentos de concepções sobre variadas questões que circulam nesses contextos formativos.

IDENTIDADE DOCENTE E NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Sabe-se que, no meio acadêmico, existem duas categorias de pesquisa: qualitativa e quantitativa. Nesse trabalho, visa-se, com base na pesquisa qualitativa, conhecer ainda mais essa categoria, diante das contribuições dela para a formação de professores.

[...] atualmente, a opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais frequente na pesquisa em educação, visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola. (TELLES, 2002, p. 102)

A primeira questão a ser observada é, essencialmente, a dos fenômenos que norteiam a escola a cada dia, mês e ano. O âmbito escolar é composto por diversos sujeitos (alunos, professores, coordenação pedagógica, gestão educacional, etc). Com isso, além do processo de ensino e aprendizagem, existem relações de trabalho que, em momento algum, podem ser vistas como construção hierárquica, mesmo que se esteja lidando com relações de poder na sociedade.



Muitas vezes pode-se pensar que a insatisfação profissional gera conflitos e crises no que tange ao trabalho diário, porém a crise se instaura na identidade do profissional. Nessa perspectiva, crise de identidade professor pode partir tanto da insatisfação profissional como de outras causas, com maior ênfase quando se trata dos avanços que a sociedade vem trazendo durante esse extenso e diacrônico percurso que pode ser percebido sem muito esforço.

Diante das afirmações de Koch (2005), entende-se que a linguagem é composta por duas modalidades: oral e escrita. Cada uma delas têm peculiaridades que se distanciam uma da outraⁱⁱⁱ. A fala não é planejada, se realiza naturalmente na comunicação entre os interlocutores, pouco elaborada e se constitui com frases curtas com uma pequena frequência de passivas. O que toma predominante nessa modalidade no ‘modus pragmático’. Já a escrita, por sua vez, permite que o falante e conhecedor da língua planeje o que irá comunicar, elabore frases mais longas, passivas e completas, se enquadrando num ‘modus sintático’ (KOCH, 2005).

Tomando isso como base, observa-se que uma formação composta por diversos altos e baixos como a do professor necessita de um espaço mais amplo e esclarecido para ser discutido. É assim que se percebe a necessidade de trabalhar com narrativas autobiográficas, por ser um método atual que permite refletir a formação docente com mais precisão e segurança de informações.

[...] na pesquisa narrativa ocorre um distanciamento dos métodos científicos positivistas, que pregam a separação entre o sujeito - detentor do conhecimento - e o objeto - que deve ser observado e estudado de acordo com os princípios da objetividade, neutralidade e universalidade para obtenção de dados fiáveis. (BOHNEN, 2011, p. 15)

Em pesquisa qualitativa mediada pela análise de narrativas autobiográficas, a distância entre pesquisador e observador não é tida como em outros tipos de pesquisa. Em outros termos, exige-se do pesquisador o papel de explorador que, através dos dados coletados, deve interpretar as concepções



positivas e negativas apresentadas na narração dos colaboradores. Se o objeto de estudo é a narração é preciso refletir sobre o que levaria o sujeito a narrar dessa ou daquela maneira.

Ao analisar dados escritos, pesquisadores de diversas áreas de conhecimento têm a possibilidade de investigar um emaranhado de inquietações por meio de um retrato próprio, individual e escrito. Nesse sentido, observa-se que o sujeito, do modo em que escreve a sua narrativa autobiográfica, ou pessoal, toma essa prática como um desabafo, um modo formal de apresentar os pontos positivos e negativos da vida pessoal, profissional e acadêmica.

Nóvoa (1992), em seus diversos estudos, afirma que a análise de materiais escritos por professores pode oferecer um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa em educação.

As possibilidades da análise de narrativas são diversas, desde a maneira de especificar os modos particulares de uma dada cultura até os desafios e perspectivas contemporâneas que afetam as várias classes trabalhadoras. Savelli (2006, p.96) assinala que:

Se considerarmos que o memorial é um exercício de escrita em que o narrador busca traçar uma versão longitudinal de si mesmo, este exercício poderá possibilitar aos professores(as) debaterem-se com dilemas pessoais e profissionais em que é possível transparecer pontos de tensões e conflitos que se manifestam ao deixar aflorar os sentimentos, as angústias, as frustrações, os desejos, a esperança.

Diante das considerações da autora, percebe-se que o texto escrito narrado permite que o professor discuta as principais dificuldades, as inovações pedagógicas e outros demasiados dilemas que surgem durante a prática docente. Vê-se, também, que a possibilidade de escrever faz com que o professor planeje o que irá expor no decorrer da narrativa. Assim, estará mais à vontade para discorrer sobre os pontos solicitados.



A pesquisa com narrativas autobiográficas serve para buscar encaminhamentos de reflexão sobre problemas já postos por outros estudos ou percebidos nos contatos do pesquisador com o contexto em que os colaboradores se inserem. No ensino de língua portuguesa, por exemplo, diversos pontos podem ser considerados para nortear a prática de escrita narrativa dos professores, assim como: a desvalorização da produção oral em sala de aula, a complexidade do ensino da gramática, etc. Desse modo, o professor pode pensar, repensar e disseminar o que foi desafiador e o que acredita ter servido em baixa e alta escala para a formação.

Serrano (1994) assinala que a autobiografia é uma narração feita por pessoas e/ou comunidades acerca de experiências, atitudes e diversos objetivos alcançados e estimados pelo/s narrador/es. Na narrativa, pode-se voltar ao passado, refletir o presente, pensar no futuro, expor inquietações, momentos bons na vida pessoal e profissional.

Numa perspectiva histórica, cabe destacar as considerações de Bakhtin (2004) quando lembra que as narrativas começaram a surgir no fim da Idade Média como uma forma de autoconhecimento, no início do Renascimento. Bakhtin (2004, p. 139), afirma que o “valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a vida do outro, mas também a vivência da própria vida e a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida”.

A característica mais atual trazida por esta abordagem filosófica da linguagem foi a de que a narrativa autobiográfica trouxe aos estudos educacionais e sociológicos atuais uma nova possibilidade de narrar, expondo as suas próprias vivências na escrita, na qual o autor pode planejar o que irá discutir no decorrer do texto que deve ser escrito livremente. A única possibilidade de intervenção do pesquisador seria a determinação dos pontos principais a serem enfatizados.



[...] o autor de biografia [...] é aquele outro possível, pelo qual somos mais facilmente possuídos na vida, que está conosco quando nos olhamos no espelho, quando sonhamos com a fama, fazemos planos externos para a vida; é o outro possível, que se infiltrou na nossa consciência e frequentemente dirige nossos atos, apreciações e visão de nós mesmos ao lado do nosso eu-para-si; é o outro na consciência, [...] (BAKHTIN, 2003, p. 140).

Assim, não teria ninguém mais apropriado para narrar à história de vida do que o próprio sujeito. Quando se apresenta uma história composta por vivências e inquietações diversas, o autor, como narrador e personagem, conhece os pontos necessários e desnecessários para empregar no texto narrativo. Pensando sob esse viés, o ‘eu’ é o melhor conhecedor do próprio ‘eu’. Bakhtin complementa que “a história dessa vida pode estar na boca das pessoas; minha contemplação de minha própria vida é apenas uma antecipação da recordação dessa vida pelos outros, [...]” (2003, p.141)

Partindo disso, vale acrescentar que nem sempre o que está “na boca do povo” está totalmente correto, isto é, nem tudo o que se sabe em geral é verídico. No relato autobiográfico, o autor poderá expor esses contrapontos sociais que, quase sempre existem, principalmente quando se trata de uma narrativa de formação docente.

Os trabalhos que desenvolvemos sob a orientação dessa abordagem, em especial das histórias de vida, tomam a “narrativa de si” como metodologia de pesquisa e processo de formação, por acreditarmos que as experiências de vida narradas constituem um referencial daquilo que foi apropriado pelos sujeitos na sua história de vida (...) (DIAS, 2008, p. 222).

A biografia não possibilita apenas a exposição de questões representativas em geral, mas, também, leva o pesquisador a desvendar as buscas pelo ideal e as propostas que o narrador pode ter criado ao longo dos anos de vida pessoal ou profissional, visando descobrir também os instrumentos basilares da construção das mais variadas concepções.



Schmidt (1990, p. 70) ressalta que “cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações”. O pesquisador, nesse sentido, precisa compreender o dito e o não dito nas palavras do narrador no percurso de análise, devendo, além disso, buscar questões que possam explicar o que levou o sujeito a pensar desta ou daquela maneira.

Variados manuais de pesquisa científica remetem à grande preocupação do pesquisador em ser neutro. Com isso, na pesquisa narrativa, esse cuidado deve ser modificado em partes. O pesquisador é e sempre será participante na análise da pesquisa qualitativa. A principal preocupação será em ter sensibilidade para interpretar as informações contidas na narração.

[...] sem dúvida, ao iniciar qualquer tipo de busca, parte premunido de certas ideias gerais, elaboradas conscientemente ou não. É impossível que um cientista, um buscador ou fazedor de verdades, inicie seu trabalho despojado de princípios, de ideias gerais básicas. (TRIVIÑOS, 1995, p.123)

O pesquisador, ao determinar o método investigativo que irá adotar em trabalhos de conclusão de curso e/ou pesquisa científica em geral, deve, primordialmente, pensar como pretende atender aos requisitos essenciais para o desenvolvimento da mesma, ao tempo em que define as ideias gerais e os principais princípios que trarão ao trabalho o fôlego necessário para denominar-se e situar-se no contexto acadêmico.

Uma das vantagens mais evidentes na escolha do método interpretativista em pesquisa qualitativa parte, essencialmente, da segurança em analisar os dados, uma vez que não existe possibilidade de levantar hipóteses como acaba ocorrendo nas pesquisas com entrevistas orais que focalizam na realização de um determinado fenômeno de variação linguística, como propõe a sociolinguística^{iv}. A narrativa é sólida, concreta e fica disponível ao pesquisador mesmo após a conclusão da pesquisa.



Esse método foi extremamente consagrado no campo das ciências sociais, em áreas como a antropologia, a sociologia e entre outras, por ser tido como uma inovação numa ciência que, há anos, utilizava-se de métodos de pesquisa hoje considerados ultrapassados, tendo em vista a grande diversidade de métodos presentes na pesquisa científica. A pesquisa qualitativa em narrativas autobiográficas existe há alguns anos e foi devido à expansão dos estudos científicos em educação escolar e formação docente que esse método começou a ganhar destaque no meio acadêmico, pois, quando abrangido pelas ciências sociais, esse método se restringia e era considerado meio de pesquisa apenas nesse campo de estudo. Nesse sentido, a pesquisa narrativa ganhou um maior destaque nas ciências humanas.

Nóvoa e Finger (1988) assinalam que a narrativa autobiográfica é, antes de tudo, um método:

Subjetivo, qualitativo, alheio a todo esquema hipótese-verificação, o método biográfico projeta-se à partida fora do quadro epistemológico estabelecido das ciências sociais. A sociologia não aceitou o desafio que lhe era lançado por esta diversidade epistemológica, e fez tudo para reconduzir o método biográfico para o interior do quadro tradicional. E a que preço! Por meio de um duplo desvio epistemológico, procurou-se utilizar o método biográfico, anulando completamente a sua especificidade heurística (NÓVOA; FINGER, 1998, p. 28).

A narrativa autobiográfica é subjetiva por se desenvolver na escrita narrada, necessitando de interpretações gerais sobre o que está sendo dito (e não dito). É um meio onde o pesquisador pode compreender e coletar informações diversas e constituir opiniões apontando seus aspectos identitários. Souza (2006, p. 47) explica que ela “é a voz do professor que preciso ouvir e dela extrair considerações que me permitam compreender a gênese, aprendizagem e desenvolvimento do exercício docente”.

[...] as histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projeto no qual elas se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em



todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria. (JOSSO, 2004, p. 51)

Toda pesquisa científica tem, obrigatoriamente, uma perspectiva primordial para ser realizada. Nesse sentido, Josso (2004) vem ressaltar as possibilidades que a história de vida implica em qualquer pesquisa científica. Com os relatos narrados, os leitores podem passar por diversas transformações identitárias e correlacionar os fatos narrados com a sua própria história de vida, etc.

É válido lembrar, também, que durante a escrita da narrativa, o autor relembra os principais fatos de sua trajetória de vida. Isso possibilita um maior enriquecimento do texto narrativo, sabendo que, na escrita, o autor pode planejar cautelosamente o que irá apresentar aos interlocutores. O professor, ao narrar, expõe abundantemente os conhecimentos adquiridos no trajeto como docente, retomando questões desde o período como estudante de educação básica e superior até a prática profissional. Os conhecimentos são adquiridos, com maior ênfase, na preparação obtida no processo de formação inicial, onde os docentes em pré-serviço elaboram os seus próprios “modos de fazer” para a atuação em sala de aula posteriormente.

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola [...] (TARDIF, 2002, p. 11).

O saber docente (teórico e prático) é o principal responsável pelo estabelecimento dos aspectos identitários que sustentam a pesquisa com as narrativas autobiográficas. “É consensual que a prática pedagógica exige do docente entre outros requisitos, saberes e competências próprias, a essa atividade” (SARAIVA & LIMA, 2009, p.9). A relação com alunos e outros professores contribui para o professor/narrador criar suas próprias estratégias



de trabalho na vivência cotidiana. Os diversos fatos que ocorrem na vida de cada um estão presos num contexto sólido que quando se ocorre em momentos marcantes não saem, de modo algum, da memória.

(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BERGSON, 1959, apud BOSI, 2004, p. 47)

O autor vem explicar o que já havia sido mencionado sobre o poder da memória na produção da narrativa, pois o corpo vive a situação, mas a memória contida como significante é o que determina a volta no tempo e a exposição de concepções diversas através do momento vivido.

Na medida em que a história da vida profissional possibilita um processo de sinalização constitutiva e reconstrução de formas temáticas de pensar e agir o professor pode se fazer em contextos de grupo, reconhecido e reposicionado. (HERNÁNDEZ, 2006, p. 229, tradução nossa)

Cabe lembrar que o profissional professor passa por inúmeros desafios no trajeto de sua formação. Isso implica, ao mesmo, na construção de identidades cada vez mais firmes e sólidas, mostrando que o trabalho docente é árduo e ao mesmo tempo prazeroso. Assim, o professor tem direito a escolher a sua própria temática através da vasta formação social e profissional que constrói a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas, tem-se, por fim, a estima de que as considerações aqui apresentadas possam servir de base para novos estudos sobre identidade docente no campo da formação de professores através da análise interpretativista em narrativas autobiográficas. Adotando a pesquisa com



narrativas autobiográficas, o pesquisador assumirá o papel de investigador mais efetivamente e propiciará aos leitores momentos de variadas reflexões sobre o que foi discutido sobre determinado objeto de estudo.

Não distanciando o estudo da perspectiva educacional que se vem destacando, pontua-se que ainda se tem um vasto campo a ser desbravado pelos novos pesquisadores da área. Como sugestões de pesquisas futuras aos que têm interesse em investigar questões identitárias na/da formação de professores, existe, até o momento, a escassez de estudos sobre alguns pontos, a saber:

- A construção da identidade do pedagogo em escolas de tempo integral;
- Fragmentações identitárias de professores de ensino fundamental I através da formação continuada;
- A identidade linguística do professor de língua materna e/ou estrangeira;
- O papel dos aspectos identitários na prática docente em ensino religioso;
- A visão e a identidade do professor sobre as dificuldades dos alunos em ciências exatas;
- A identidade social do professor de educação especial frente ao preconceito.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BOHNEN, N. T. **A jornada do herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional do professor**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2011. 108p.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DIAS, C. M. S. Narrativas: estratégias investigativo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In: SOUZA, E. C; PASSEGGI, M. C. (orgs) **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade: em a socialização**. Porto: Porto Editora, 1997.

GUEDES, P. C. **A formação do professor de português: que língua devemos ensinar?** São Paulo: Parábola, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed / Tradução T. T. da Silva; G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence & Wishard, 1990, p. 222-237.

HERNÁNDEZ, F. História de vida de professores: o que se pensa na Espanha? **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 224-234, jan./abr. 2006.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Claudino e Júlia Vieira. São Paulo: Cortez, 2004.



KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

NÓVOA, A. (Org). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

_____; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Centro de Formação e Aperf. Profissional, 1988.

SARAIVA, S. D. R; LIMA, M. G. S. B. **Narrativas de administradores-professores: reflexões sobre a formação continuada**, 2009. Disponível em <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/26_Shirley%20Dourado%20Rebelo%20Saraiva.pdf> Acesso em 09. Fev. 2016.

SAVELI, E. L. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**, v. 1, p. 97-108, 2006.

SCHMIDT, M. L. S. **A experiência de psicólogas na comunicação de massa**. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990. 212p.

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa: Retos e interrogantes: Técnicas y Análisis de Datos**. Madrid: La Muralla, 1994.

SOUSA, S. Z. et al Progressão escolar e ciclos: fundamentos e implantação. In: KRUG, A. R. F. (Org.) **Ciclos em Revista: A construção de uma outra escola possível**, v. 1, 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2002.

TELLES, J. A. “É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, v. 5, n. 2. Assis, SP: Universidade Estadual Paulista, p. 91-116, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1995.

ⁱ Em educação e ensino é de costume a denominação “coleta de dados”, porém, em Linguística Aplicada, em que se trabalha com dados obtidos no processo de estudo de um objeto, opta-se por “geração de dados”, devido ao não estabelecimento de dados antes da realização da pesquisa. Esta e outras razões caracterizam a área como transdisciplinar.



ⁱⁱ Tradução de "Perhaps instead of thinking of identity as an already accomplished fact, which the new cultural practices then represent, we should think, instead, of identity as a 'production', which is never complete, always in process, and always constituted within, not outside, representation".

ⁱⁱⁱ Mesmo com este distanciamento, nas atividades em sala de aula, oralidade e escrita precisam caminhar sempre juntas.

^{iv} Menciona-se a sociolinguística apenas para explicar quais as diferenças do método adotado pelos pesquisadores dela na academia. O intuito, de forma alguma, foi o de criticar determinado pressuposto metodológico.

Recebido em: 18/01/2018

Aprovado em: 22/05/2018

